Ciência na mídia

Carlos Eduardo Lins da Silva

A Fapesp realizou no dia 16 de abril em seu auditório debate sobre como as atividades científicas vêm sendo tratadas por veículos jornalísticos. Durante todo o dia, mesas compostas por um cientista e um jornalista trataram do tema.

A abertura foi feita por Clive Cookson, editor de ciência no *Financial Times* há mais de duas décadas e considerado como um dos principais especialistas nesse tema no mundo.

A palestra de Cookson, assim como as de outros participantes, aponta uma melhora constante e progressiva no tratamento de temas de ciência pela mídia em geral e especificamente a brasileira, mas há ainda muitos problemas a serem enfrentados.

Em geral, eles são os tradicionais: sensacionalismo, exagero, negatividade, engajamento político-partidário e, em particular, a inconciliável diferença sobre o tempo que há entre as atividades jornalística (em que sempre se busca por resultados rápidos) e científica (necessariamente mais lenta).

A enorme polêmica que cerca as atividades jornalísticas no Reino Unido desde o escândalo do jornal *News of the World*, pego em flagrante cometendo crimes para obter notícias, pode ter efeitos positivos para o jornalismo em geral, inclusive o científico, na medida em que ela está exigindo dos profissionais de imprensa uma intensa revisão de seus procedimentos éticos.

Seria importante se as reflexões que vêm sendo realizadas coletivamente na Grã-Bretanha respingassem em outros países, inclusive no Brasil.

Entre os aspectos positivos realçados no seminário, um dos mais relevantes é a crescente disposição da comunidade científica em colaborar mais com os jornalistas na divulgação de seu trabalho, o que não era muito comum até pouco tempo atrás.

Nesse sentido, é importante que as entidades públicas de financiamento e de controle da produção científica incentivem, na medida do possível, os cientistas a tornarem público para a sociedade o resultado de sua produção.

Embora haja otimismo mais ou menos consensual em relação ao futuro, a crise econômica e de modelo de negócios que a indústria do jornalismo vem enfrentando há pelo menos 20 anos tem causado dificuldades e elas tendem a crescer.

Durante o seminário da Fapesp, por exemplo, foi anunciado que um dos poucos grandes jornais brasileiros que mantinham uma editoria específica para este assunto, a *Folha de S. Paulo*, resolveu fundi-la com a de saúde.

> Um dos aspectos positivos realçados no evento foi a crescente disposição dos cientistas em colaborar mais com os jornalistas, o que não era comum de se ver há pouco tempo

Cookson relatou que, também no Reino Unido e na Europa Ocidental como um todo, a crise dos veículos de comunicação tem imposto sacrifícios materiais às editorias de ciência, o que causa grande preocupação quanto ao futuro.

O ecólogo Thomas Lewinsohn, da Unicamp, um dos palestrantes, ressaltou a importância do jornalismo científico na educação científica da sociedade e destacou algo que raramente é percebido nessas análises: essa educação também se aplica a cientistas, já que praticamente todos eles conhecem muito bem a sua especialidade mas são quase tão leigos quanto a população em geral em relação às demais e também precisam de tradução para entendê-las.

Lewinsohn instigou os jornalistas a exercerem o papel de "auditores" da ciência, para o qual – julga ele – não é necessário ser um especialista em nenhum campo do conhecimento: basta sempre verificar se o cientista a respeito de quem vão escrever tem um bom currículo Lattes, se ele é bem citado, o que os colegas pensam dele e de seu trabalho.

Em especial nesta segunda década do século 21, a importância da divulgação científica é indiscutível, pelos mais diversos motivos, inclusive pela crescente consciência coletiva de que se a sociedade paga pela pesquisa, ela tem o direito de saber o que resulta dela.

***

Jornalismo e ciência tem sido o tema desta coluna há 13 meses. Explorar esta relação foi a que me propus quando aceitei o honroso convite da Unesp para ocupar este espaço. Creio ter chegado a hora de passar a responsabilidade do "Ponto Crítico" a outra pessoa.

Agradeço aos editores e responsáveis por esta excelente revista, pelas atenções recebidas neste período e especialmente aos leitores pelo interesse.

Carlos Eduardo Lins da Silva é livre-docente e doutor em Comunicação pela USP e mestre pela Universidade Estadual de Michigan. É presidente do Conselho Acadêmico do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais da Unesp, editor da revista *Política Externa* e diretor do Espaço Educacional Educare.